

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II DO CURSO DE LETRAS INGLÊS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM DISCENTE E A DINÂMICA DA SALA DE AULA

SUPERVISED INTERNSHIP II OF THE ENGLISH PHILOLOGY COURSE: A STUDENT'S EXPERIENCE REPORT AND THE CLASSROOM DYNAMICS

Arthur Farias de Alcântara¹

Antes de iniciar este relato de experiência, peço licença à leitora e ao leitor para discorrer sobre ele na primeira pessoa do singular, prescindindo do pronome de modéstia com o fito de dar mais legitimidade ao que aqui trago: as vivências práticas de um filólogo em formação. Sendo assim, apresento, nestas linhas, a narrativa da minha atuação enquanto discente durante o Estágio Supervisionado II, no primeiro semestre de 2025, no curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Esta Instituição de Ensino Superior (IES) tem a sua base/sede na cidade de Sobral, no Ceará, distante 235,7 km de Fortaleza, mas também tem sucursais em outros municípios do estado, tais como em Ibiapaba, Camocim e Acaraú. A UVA, em Sobral, foi fundada em 23 de outubro de 1968 e atualmente conta com 20 cursos de licenciatura e 29 de bacharelato. Tendo tido início em 1961, por iniciativa clerical vinculada à Faculdade de Filosofia Dom José, da Diocese de Sobral, e autorizado pelo Decreto nº 49.878, de 11 de janeiro de 1961, assinado pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek, o Curso de Letras Inglês foi fundado nesse mesmo ano.

Sou aluno da Licenciatura em Letras Língua Inglesa desde 2022.1 e venho ensinando esse idioma há cinco anos. Interessei-me pelo ensino aos 15 anos, quando fui morar nos Estados Unidos, na cidade de Danbury, Connecticut, onde fiquei de 2018 a 2019. Antes, sendo um usuário básico do idioma, aprendido parcialmente na escola, apenas sabia o suficiente para estabelecer vínculos com os moradores locais e atender às necessidades básicas do cotidiano.

¹ Graduando em Letras – Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professor de Língua Inglesa e pesquisador em formação, com experiência em estudos realizados nos Estados Unidos, onde aprofundou seus conhecimentos sobre metodologias contemporâneas de ensino. Integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em Sobral e ganhador do prêmio Top Excelência Sobral 2025 de “Melhor Professor de Língua Inglesa”. E-mail: professorarthurarkel@gmail.com.

Foi uma experiência extremamente gratificante porque mudou o meu rumo e me fez escolher essa profissão, mas foi igualmente muito difícil em seus primeiros momentos, dado o fato de que eu não tinha, naquele instante primeiro, os conhecimentos sobre o idioma em um nível mais aprofundado e que teriam facilitado os processos de adaptação. Contudo, sendo muito jovem na época e demonstrando motivação ao mesmo tempo que recebendo incentivo, foi ficando mais fácil o aprender e não apenas adquirir o inglês, que foi incorporado à minha estrutura linguística rapidamente.

Voltando ao estágio em questão, este faz parte dos semestres finais da grade curricular do curso, e foi desenvolvido em uma instituição de ensino particular localizada em Sobral, que atende turmas do Ensino Fundamental II, com foco específico nos 6º e 7º anos. O principal objetivo desse estágio foi o de observar as aulas de Língua Inglesa, ministradas semanalmente durante 8 encontros — (meses de fevereiro e março) sendo dois deles focados na regência — tendo como objetivo compreender a interação entre ensinante e aprendentes, além de ter a oportunidade de observar mais atentamente a organização e o funcionamento da escola e os processos que contribuem para o desenvolvimento da prática docente — estando eu no início da carreira.

As regências ocorreram em março. Nesse período, busquei aplicar em minhas aulas alguns aspectos que considerei positivos na atuação do professor observado. Embora não fosse da área de ensino, ele demonstrava boa didática e excelente pronúncia, o que contribuía para o envolvimento da turma e para um ambiente de aprendizagem produtivo. Assim, inspirei-me em suas práticas pedagógicas lúdicas como dinâmicas, jogos e brincadeiras que serviram de referência para o desenvolvimento da minha identidade docente.

Sendo assim, a experiência permitiu-me compreender a importância da disciplina de estágio na formação do professor, bem como a articulação entre teoria e prática, o uso de materiais pedagógicos, a adaptação das atividades às necessidades da comunidade escolar e as tecnologias digitais, promovendo um ensino de inglês mais inclusivo e de qualidade.

Aqui julgo que é importante fazer um adendo e colocar a minha opinião acerca das instituições escolares de Educação Básica em geral, assim como os cursos livres de Língua Inglesa, em sua maioria, no município de Sobral. Temos diversas escolas onde o inglês é ensinado como língua estrangeira e vários cursos livres de inglês pela cidade e arredores. Cabe ressaltar, inclusive, a existência do único curso de línguas estrangeiras da cidade de Sobral — o Palácio de Línguas Estrangeiras — que oferece cursos de idiomas para a comunidade sobralense de maneira gratuita para estudantes da rede pública de ensino.

Contudo, com base nas informações que venho levantando ao longo do curso de licenciatura, percebo que grande parte dos discentes de cursos livres ainda enfrentam algumas dificuldades em relação ao uso do idioma, como por exemplo: pronúncia e formação frasal na língua inglesa. No âmbito da universidade, percebi as mesmas fragilidades com os discentes do curso de Letras Inglês.

Desse modo, ao refletir sobre essas fragilidades da formação de professor de Língua Inglesa percebo que o educador tanto quanto o alunado precisam fortalecer a prática das quatro habilidades de comunicação: Fala (*Speaking*), Escrita (*Writing*), Escuta (*Listening*) e Leitura (*Reading*), tornando-se evidente que ambos precisam praticá-las ao máximo, mas, para isto, é preciso contar com espaços formativos que lhe ofereçam suporte com recursos pedagógicos, didáticos e eventos culturais. Infelizmente, essa prática no curso de Letras, é trabalhada apenas em disciplinas específicas de curta duração, podendo ter um componente curricular vinculado a uma das habilidades por semestre, que não focam no desenvolvimento interligado e contínuo das quatro habilidades de comunicação.

Há, portanto, a necessidade de oferta na universidade de um curso gratuito voltado especificamente ao aprimoramento das quatro habilidades linguísticas para futuros professores de inglês e que no futuro iniciativas dessa natureza estejam interligadas com o programa de internacionalização da UVA que hoje oferta aulas de língua portuguesa para alunos estrangeiros de universidades da América Latina e aulas de espanhol para alunos da UVA.

Desse modo, com o intuito de dirimir as fragilidades e garantir uma formação adequada para o futuro professor de Inglês, o curso de Letras Inglês inclui em seu currículo as disciplinas de Estágio de Observação e Estágio de Regência. No caso específico deste relato, trata-se do estágio de observação, realizado inicialmente, seguido pelo de docência, que foi desenvolvido na etapa final do estágio.

Destarte, a metodologia adotada para esse relato de experiência envolveu a observação direta — ainda que não participante nessa fase — das práticas pedagógicas com relação à Língua Inglesa nas salas de aula do Ensino Fundamental II, o acompanhamento das ações de gestão escolar, a participação em reuniões formativas e pedagógicas, além da atuação prática por meio da regência de aulas mais adiante, com as turmas do 6º e 7º anos.

Os resultados advindos dessa junção de conhecimentos teóricos e práticos evidenciaram desafios relevantes, como a necessidade de se desenvolver habilidades eficazes e adaptativas de gestão de sala de aula, considerando as especificidades de cada turma. Foi constatada também a importância de se flexibilizar estratégias pedagógicas e adaptar as atividades

propostas, especialmente as avaliações formativas, para garantir que os conteúdos fossem acessíveis e significativos.

Durante o estágio, enfrentei alguns desafios importantes. A coordenação recomendou que não houvesse mais de dois estagiários por sala, o que exigiu uma reorganização completa dos horários de regência de cada grupo e resultou na ocorrência de mais encontros focados na regência. Além disso, devido à greve dos professores, os semestres acabaram tendo um período menor para ser concluído. Isso fez com que o tempo dedicado ao estágio ficasse extremamente curto.

Um dos maiores problemas que enfrentei foi na primeira aula que ministrei, que simplesmente não cativou o interesse do alunado. A abordagem que escolhi, o material que usei e a forma como conduzi a aula não dialogaram com a realidade dos alunos. Nas primeiras aulas, tentei até contextualizar o conteúdo, mas não havia uma construção crítica em torno dele e nem um entendimento completo sobre o que era contextualizar. Faltava propósito, faltava o real.

Uma turma que me marcou muito nessa experiência do estágio foi o 6º ano. A primeira aula com eles acabou sendo bastante “conteudista” devido as diretrizes da escola particular onde a experiência estava sendo realizada, já que se acercava o período de provas — e havia uma meta clara de preparar os alunos para esse momento, com foco quase exclusivo no conteúdo. O tema era *possessive adjectives*, mas os alunos não conseguiram reter o conteúdo, em grande parte porque a abordagem utilizada era engessada.

No segundo encontro com essa mesma turma, optei por adotar uma abordagem diferenciada, aplicando as observações realizadas durante a primeira aula. Durante esse processo, percebi que muitos alunos demonstravam interesse por desenhos animados. Mas antes de saber disso, elaborei uma aula utilizando slides provenientes do site “Twinkly²”, com o intuito de conhecer melhor os aprendentes e integrar elementos de seu universo cultural ao ambiente escolar, promovendo, assim, uma explicação mais acessível e próxima de sua realidade.

Em determinado momento da aula, uma das lâminas apresentava a imagem de um cavalo, o que levou um dos alunos a questionar: “*Como se fala o rabo do cavalo em inglês?*” Ao responder, observei que o estudante possuía alguns objetos relacionados ao personagem Sonic. A partir dessa observação, procurei estabelecer uma relação entre o conteúdo linguístico

² Disponível em: <https://www.twinkl.com.br/resource/esl-cartoon-characters-possessive-adjectives-kids-a1-0-1701681099>. Acesso em: 09 mar. 2025.

e o repertório do aluno, escrevendo no quadro a frase: “*Tails is yellow. His tails are yellow too.*”

Imediatamente, os alunos associaram a palavra “*tails*” ao personagem do universo *Sonic*, conhecido por possuir duas caudas. Esse reconhecimento gerou envolvimento e interesse na turma, tornando o momento mais significativo. Essa experiência revelou, de forma concreta, a importância de contextualizar o ensino, considerando os interesses e os conhecimentos prévios dos alunos. Assim, compreendi que a aprendizagem se torna mais eficaz quando o processo educativo dialoga com o universo simbólico e cultural do discente, favorecendo a construção de sentidos e a aproximação entre o conteúdo e a realidade do educando.

Após a apresentação, realizamos uma atividade focada no modelo das provas e, em seguida, um jogo na plataforma “*ESL Games Plus*³”. Os alunos eram sorteados, e quem acertasse a resposta, ganhava um adesivo em inglês como forma de reforço positivo. Mesmo com toda essa contextualização — ou o que eu pensava ser isso, utilizando os desenhos animados com o pretexto de ensinar o tema *possessive adjectives* em inglês, o professor orientador da disciplina de estágio apontou que a atividade poderia ter sido mais crítica. Essa crítica me fez refletir — não apenas sobre o estágio, mas sobre a minha própria trajetória como professor em formação.

Fiz parte do meu Ensino Médio nos Estados Unidos e, de certa forma, “comprei” a ideia do sonho americano. Mas ao voltar ao Brasil e ingressar na Universidade, comecei a rever esses conceitos e a enxergar suas falhas. Percebi que, ao ensinar inglês naquele momento, apenas com base numa visão americanizada, acabei transmitindo — mesmo sem querer — a ideia de que a cultura do Outro é mais importante do que a nossa.

Foi a partir dessa experiência no estágio que comecei a buscar formas de vincular o pensamento crítico ao ensino de inglês. Hoje, atuo no PIBID, em uma escola de Ensino Médio em tempo integral em Sobral. Inclusive, recentemente fiz uma apresentação durante a Semana do Curso de Letras da UVA, com o título “**A identidade brasileira no ensino de língua inglesa: um relato de experiência no PIBID Letras Inglês**”.

Foi graças a tudo isso — aos encontros e desencontros, aos *feedbacks* e ao apoio de diversos professores — que consegui me desenvolver academicamente naquele instante de prática e ampliar minha visão sobre o ensino. Aprendi que o inglês não precisa (nem deve) ser ensinado exclusivamente a partir de uma única cultura. Podemos (e devemos) falar também do

³ Disponível em: <https://www.eslgamesplus.com/possessive-adjectives-game>. Acesso em: 09 mar. 2025.

inglês africano, australiano, e até mesmo do inglês brasileiro — um inglês que reflete a nossa identidade e realidade.

É notório que os resultados deste estágio são uma junção de dificuldades e oportunidades surgidas ao longo da disciplina, somados a contratemplos decorrentes de um sistema escolar particular que ainda valoriza a educação bancária. É importante ressaltar que o ensino em uma escola particular difere significativamente do ensino na rede pública, fazendo com que isso afete o papel do professor reflexivo em sala de aula.

A escola tem como função introduzir o alunado a um mundo onde ele possa entender onde está, aprender a conviver com as pessoas e a ter um pensamento crítico a respeito desse mundo. Esse conceito de mundo da escola é abordado na obra de *bell hooks* (2017), *Ensinando a Transgredir*, onde ela fala sobre o seu processo de mudança de uma escola — que considerava o aluno como parte de uma comunidade na qual o desenvolvimento do senso crítico é algo mais valorizado — para outra — que via os conteúdos e matérias como algo a ser memorizado e visando apenas o conhecimento bancário.

Recentemente, li um livro que tematiza a realidade da Educação Pública, intitulado *Inglês em Escola Pública Não Funciona: Uma Questão, Múltiplos Olhares* (2011), de Diógenes Cândido de Lima, que aborda como o papel do professor de inglês pode impactar o desenvolvimento e a percepção dos alunos em relação à aquisição de uma língua estrangeira.

Nesse livro, o capítulo “Narrativa 14” relata a frustrante jornada de um aluno de escola pública que sempre teve interesse em aprender inglês na escola, mas que foi constantemente desmotivado. De um lado, os professores não eram qualificados para ensinar o idioma; do outro, mesmo quando o docente dominava a língua, ele não via razão para ensinar inglês, justificando que “[...] inglês em escolas públicas não funciona”. (Lima, 2011, p. 14).

Desse modo, tomando como parâmetro o meu estágio em uma escola particular e as vivências citadas, pude perceber que as realidades são semelhantes no ensino da língua inglesa em escolas públicas e particulares no que concerne às dimensões pedagógicas tradicionais e à desmotivação do alunado.

Nesse contexto, a pedagogia engajada surge como uma alternativa transformadora, pois à luz do que *bell hooks* (2017, p. 34) aponta, “[...] a pedagogia engajada necessariamente valoriza a expressão do aluno”. Esse enfoque permite que o processo de ensino-aprendizagem seja conduzido por uma relação dialógica, onde tanto o professor quanto o aluno compartilhem experiências, pensamentos e desafios. Tal abordagem é crucial para romper com os modelos tradicionais e hierárquicos de ensino que frequentemente perpetuam a exclusão e a passividade.

Além disso, hooks (2017, p. 35) reforça que “[...] quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajadora não busca simplesmente fortalecer a capacidade de capacitar o aluno”. Assim, o papel do professor transcende a transmissão de conteúdo, tornando-se um mediador que também aprende no processo. Criar um espaço seguro para a troca de saberes é essencial para que o ensino de inglês seja visto como uma oportunidade de crescimento pessoal e social e não como uma obrigação imposta.

No entanto, o ensino desse idioma também está permeado por questões ideológicas e históricas. Luciano Amaral Oliveira (2014, p. 60) destaca que “[...] o ato de estudar a língua inglesa é tão divulgado por meio de anúncios publicitários e pelo currículo escolar que já tomou contorno de senso comum, que já se naturalizou na mente dos brasileiros”. Esse fenômeno resulta de um processo de construção ideológica promovido por agências governamentais e interesses estrangeiros, especialmente norte-americanos.

Tal imposição reflete o imperialismo, que, conforme descrito por Oliveira (2014, p. 61), “[...] está inexoravelmente vinculado ao domínio econômico e aos domínios bélico, político e cultural que resultam do poder econômico”. Dessa maneira, cabe ao professor compreender esse contexto e buscar torná-lo significativo e emancipador para os alunos, equilibrando o seu papel como mediador cultural e agente transformador dentro de um sistema educacional repleto de desafios.

Com isso, as reflexões geradas neste estágio supervisionado revelam as dificuldades de um modelo educacional que prioriza o conhecimento bancário em detrimento do pensamento crítico. O foco na preparação para vestibulares, em vez do desenvolvimento de habilidades críticas ao longo da Educação Básica prejudica estudantes das camadas mais pobres, que têm menos recursos para investir em uma educação de qualidade.

Portanto, o professor de Língua Inglesa deve estar preparado para atuar de forma crítica, equilibrando as demandas institucionais com a necessidade de promover um ensino que estimule a expressão, a autonomia e o desenvolvimento integral dos alunos. Apenas assim poderemos transformar a educação em um processo verdadeiramente libertador.

Percebe-se que, apesar do tempo limitado de regência, foi possível para mim observar como as escolas particulares estabelecem metas baseadas em um modelo de educação bancária, evidenciado nas avaliações. Nesse contexto, o papel do professor de Língua Inglesa mostra-se essencial e multifacetado, exigindo, ademais da transmissão de conhecimento, a mediação

cultural, o estímulo ao pensamento crítico e a promoção de uma aprendizagem mais significativa.

Infelizmente, a falta de tempo e de liberdade restringe a possibilidade de criar projetos que coloquem o aluno como protagonista, o que tornaria o ensino mais dinâmico e eficaz. No entanto, a experiência de estágio foi fundamental para que eu pudesse refletir sobre a prática docente e questionar os desafios da educação no Brasil, apontando para a necessidade de mudanças no que tange ao ensino mais inclusivo e transformador.

Tendo cursado a Educação Básica no Brasil e nos Estados Unidos, estar ensinando o idioma inglês há alguns anos e estar finalizando a licenciatura nessa língua para poder ensiná-la com propriedade e arcabouço teórico substancial, visando uma prática efetiva, ratifico que estagiar em escola ao final do curso — juntando os conhecimentos que vinha adquirindo e pô-los em prática — fez uma grande diferença para mim enquanto ensinante em formação.

Com base nessa experiência de estágio em uma escola particular, foi possível observar que, nesta instituição — retratando o que provavelmente ocorre em outras do entorno de Sobral-CE —, ainda predominam práticas pedagógicas de caráter tradicional, o que torna desafiador despertar o interesse dos alunos pelo aprendizado da Língua Inglesa.

Além disso, mesmo com o tempo de regência limitado a quatro encontros, divididos em duas aulas para o 6º ano e duas para o 7º ano, notou-se que as escolas particulares seguem metas pautadas em uma educação de cunho bancário, voltada, sobretudo, para as avaliações internas e para as exigências dos vestibulares, o que evidencia uma abordagem excessivamente conteudista.

Entretanto, mesmo diante desse cenário, foi possível perceber o engajamento dos professores, especialmente do docente responsável pela disciplina de Língua Inglesa, que, apesar de seguir um modelo conteudista, buscava constantemente relacionar o conteúdo teórico à prática. Um exemplo significativo foi observado em uma atividade desenvolvida com o 7º ano, na qual, sob sua orientação e com a colaboração dos estagiários, a quadra de esportes da escola foi transformada em um espaço que simulava diversas ruas. Os alunos foram organizados em duplas, sendo que um deles era vendado e o outro deveria guiá-lo utilizando expressões em inglês previamente estudadas, como *turn left* e *turn right*. Essa prática evidenciou uma tentativa de tornar o ensino mais dinâmico e comunicativo, aproximando o conteúdo da realidade.

Nesse cenário, o papel do professor de inglês revela-se essencial e multifacetado, indo além da simples transmissão de conteúdo ao atuar como mediador cultural e incentivador do pensamento crítico e da aprendizagem significativa.

É assim que tenciono contribuir, como já venho contribuindo com o meu alunado, mas principalmente quando sair da condição oficial de aluno e atingir a de Licenciado em Letras Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú neste ano de 2026.

REFERÊNCIAS

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, D. C. de (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona**: uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola, 2011.

OLIVEIRA, L. A. **Método de ensino de inglês**. São Paulo: Parábola, 2014.

COMO CITAR ESTE RELATO DE EXPERIÊNCIA:

ALCÂNTARA, Arthur Farias de. Estágio Supervisionado II do curso de Letras Inglês: um relato de experiência de um discente e a dinâmica da sala de aula. **Kixará**, Quixadá, v. 2, n. 2, p. 95-103, maio/ago. 2025.

Submetido em: 29/10/2025

Aceito em: 13/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

Edição: Yls Rabelo Câmara

Diagramação: Francisco Edvander Pires Santos



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional